

GLOBALIZAÇÃO E TERRITÓRIO

Milton de Almeida Santos (*)

Quem leu, todo mundo leu, aquele livro do Lênin sobre imperialismo, deve ter lido aquela frase muito repetida - segundo a qual o imperialismo é o estágio supremo do capitalismo. Todo mundo sabe que hoje é praticamente inútil trabalhar com a idéia do imperialismo, não leva a lugar nenhum do ponto de vista da análise. Mas a gente pode parafrasear Lênin dizendo que a globalização é o estágio supremo da internacionalização. A internacionalização ela realmente começa com o capitalismo. Quando é que o mundo se abre? É quando se descobre o caminho para o oriente, é quando a América é encontrada pelos europeus. Então o capitalismo se expande, ocupa outros continentes, outras áreas. O capitalismo vai permitir uma nova geografização das plantas, dos animais e dos homens. As plantas, os animais e os homens mudam de continentes, criam-se as bases da internacionalização. Esse processo vai continuar durante cinco séculos, e culmina com o que nós chamamos hoje de globalização ou mundialização. Só pra não deixar de citar uma frase de efeito, podemos dizer que o planeta afinal se tornou uno, o planeta se globalizou. Podemos dizer também, que os lugares todos se tornaram globais, todos os lugares hoje são mundiais. Não há nenhum ponto habitado onde o mundo não palpite. Há uma trepidação geral no planeta humanizado a partir desse processo que estamos chamando de globalização. A palavra globalização se presta a uma multiplicidade de interpretação, de acepção. Inclusive a palavra globalização é freqüentemente utilizada como uma fonte ideológica buscando impor como norma obrigatória formas que nem sem-

pre são as mais desejadas para a maioria da humanidade. O que significa diante desse mundo, lá no escuro em que nós vivemos que é o mundo de enganos, o mundo da fábula. Fábula que é imposta através da força dos meios de comunicação, enquanto a gente se analisa. Eu estou insistindo muito, de uns anos para cá com os meus colegas geógrafos, sobretudo com os geógrafos que se imaginam progressistas. No interesse de abandonar a crítica pela crítica, e enfrentar, começar uma coisa que eu acho fundamental que é o trabalho da análise. A crítica sem análise não serve para nada. Ao contrário: ela é um elemento a mais de perturbação. O que é um defeito de quem quer transformar alguma coisa seja o mundo, seja o país, seja um lugar. A análise supõe rigor. Eu acho que esse grande problema da geografia brasileira atual é que o movimento do qual fui em parte responsável em 1978 acabou de alguma forma se esgotando, pelo fato de que uma grande parcela dos que se empenharam nele se dedicaram ao que a gente chama de crítica pela crítica.

A análise é sem crítica porque a análise permite a síntese. Não há síntese válida que não seja transmitida da análise. É um enfoque que reúne essa forma de analisar e essa forma de sintetizar, aponta sempre para o futuro. Isto é, permite a construção científica da utopia, que é o que todos nós buscamos, e devemos continuar buscando. Então na questão da globalização a única forma de evitar um enfoque ideológico ou um enfoque ocioso, ou um enfoque físico-

Conferência proferida nos 10 anos da Pós-graduação em Geografia da UFS. Aracaju, 19/10/1993.

(*)Professor titular da USP

psíquico, é encontrar um enfoque analítico que finda na globalização. Por que a globalização? É porque a globalização vai se dar depois da 2ª Guerra Mundial, isto é, na última metade do século XX, na realidade, no último terço do século XX. Eu creio que as respostas são muitas, mas nós poderíamos resumir estas respostas em dois parágrafos. Criaram-se as bases técnicas e as bases políticas da globalização. Veja bem, estou usando a palavra política em vez de usar a palavra social. Nós não estamos dizendo técnico-social, estou dizendo bases técnicas "A" e bases políticas "B", porque no fim do século XX tudo se tornou político. O que é política? A política é a escolha. Fazer política é escolher, mas é a escolha que parte de um conhecimento global. Isso é política, não é política parcial. E é por isso que o movimento ecológico, por exemplo, não é um movimento político porque é social. Não tem globalidade, não é dotado do caráter de totalidade. Não é política fazer campanha pelo meio ambiente, porque a política supõe uma visão global. Hoje as ações humanas todas sugerem uma escolha. O que é dramático hoje, é que essa escolha a gente faz sem ter conhecimento do jogo da causa e efeito, que é conhecida apenas por alguns que nos ensinam, nos sugerem fazer isso ou aquilo, cuja conseqüência a gente não sabe exatamente. E é esse o motivo pelo qual estou propondo essa luta, e a trago para nossa discussão: bases técnicas da globalização e bases políticas da globalização.

Vamos começar pelas bases técnicas, e eu vou insistir nelas pelo seguinte: eu creio que a Geografia é uma filosofia das técnicas. Eu vou explicar o que eu quero dizer com isso, começando com uma noção simples que é a noção de tecnologia, contraposta à noção de técnica.

A tecnologia é resultado de uma elaboração intelectual do homem da ma-

neira como ele vai se comunicar com a natureza para modifica-la. Nesse sentido teria havido tecnologia desde que o homem é homem. Há um outro sentido para a tecnologia que falarei mais tarde. Nesse sentido mais banal, mais simples, é isso a tecnologia.

Quando porém o homem concebeu uma forma de atacar a natureza, se encontrar com a natureza, tirar vantagens dela, quando ele pratica essa ação, quando a idéia se transforma em ação, a tecnologia que era apenas uma idéia possível se torna realizada. Isto é, ela se transforma em história e aí ela se chama técnica. A técnica é a realização prática da tecnologia. E é através da realização prática da tecnologia, a técnica é que é responsável pela organização do espaço, porque o espaço vai sendo pouco a pouco povoado e habitado por técnicas.

Ora, se a Geografia diz que o espaço é isso, como é que eu entendo o espaço? Eu entendo o espaço em grande parte a partir do entendimento da técnica. Por que a técnica me autoriza ou me proíbe de fazer isso ou aquilo. O resultado do meu trabalho depende dos recursos técnicos de que disponho. As cidades não poderiam ter o tamanho que têm se não houvesse o transporte a motor. Enfim, a Geografia é uma disciplina que, no meu modo de ver, deveria incluir nos primeiros anos de formação um ensino sobre a história das técnicas. Esse ensino poderia ser dado numa disciplina ou, como já vem sendo dado em muitos casos, dentro de cada disciplina. Vou me referir rapidamente à Geografia Urbana porque era uma disciplina que no passado nós todos dávamos percebendo-a na análise do urbanismo. Mas recentemente e sobretudo por causa da vontade de fazer crítica, nós evacuamos o urbanismo do ensino da Geografia Urbana. Nós começamos criticando a cidade vendo nela o capital que explora o trabalho. É verdade, mas qual é a base ge-

ográfica dessa exploração? É a base técnica que nós evacuamos do nosso ensino. Digo nosso porque de algu a técnica com a ciência produziu o que se chama tecnologia. Esse casamento vai se estruturando, e depois da Segunda Guerra Mundial a base da técnica será sempre a ciência. A tal ponto que a ciência com frequência, é feita ao comando da técnica, o que é um problema para o produtor científico. Ele se sente capaz de escolher os caminhos do seu trabalho intelectual, de ter de se subordinar às exigências da técnica, isto é, às exigências da prática dos atores hegemônicos da economia. É aí que surge o que agora estão chamando tecnociência, para qual os filósofos da ciência estão voltando as suas atenções, muitos preocupados, porque a tecnociência é uma ameaça para a humanidade cada vez que a ciência é levada a obedecer ao comando da produção.

A gente diria, repetindo um autor chamado que a filosofia é a criação do entendimento, a arte é a criação da resposta, a ciência é a criação do conhecimento. A tecnologia é o uso do conhecimento, o conhecimento usado transformado em técnica, é aquilo que modifica as relações entre os homens e a caracterização do espaço geográfico.

As técnicas nunca aparecem isoladas, mas como famílias. A enxada tem sua família. A enxada, a pá, a foice, são a família técnica mais primitiva. Mas ao longo da história aparecerão outras famílias. E chegamos à família atual das técnicas onde estão o televisor, os foguetes, mas sobretudo o computador. O domínio da telemática, da eletrônica que são carro-chefe no conjunto de técnicas que caracterizam nosso tempo. O tempo pode ser distribuído como fusão dessas famílias de técnicas. Não seria possível na Idade Média citarmos 100 técnicas como não era possível nos anseios da Idade Moderna imaginar a

utilização do computador, da telerepetição, etc. Porque cada conjunto de técnicas aparece no momento histórico preciso. O momento histórico que nós vivemos, ele é revolucionário pela qualidade das técnicas que surgem contemporâneas nossas.

O que é que estrutura um sistema técnico? Um sistema técnico, um sistema de técnicas, uma família de técnicas, é sempre estruturado a partir de pelo menos 4 fatores: A energia, os materiais, a medida do tempo e a relação com o mundo vivo. As famílias de técnicas são sistemas. As técnicas são famílias que são sistemas. Porque uma depende da outra, formando juntas um universo interligado, a tal ponto que o sistema técnico só amadurece quando todos os elementos, aparentemente isolados, se desenvolvem. Para que tenha ocorrido a era técnica anterior à presente foi necessário que todos aqueles elementos se desenvolvessem: o trem, o navio à vapor, as formas de telecomunicações anteriores à atuais, o avião. E é aí que o sistema amadurece. Tudo que nós temos hoje presente como técnica já vinha despontando. A automação já era de alguma maneira realizada nos Estados Unidos. A televisão, os princípios dela, foram assentados no início do século, mas não havia amadurecido, de tal maneira que nós temos esse conjunto de famílias de técnicas que caracterizam o nosso tempo, cada tempo

Desculpe eu estar sendo repetitivo, mas é que eu gostaria de dizer que dialogar com vocês a esse respeito, me parece que o tema ainda que complicado e difícil, é muito importante. Todo mundo sabe que não há nenhum interesse em tratar coisas fáceis, a mim não interessa gente que gosta de coisa fácil. De tal forma que eu peço desculpa pela minha reiteração de alguns temas. Como eu disse ontem, quando aparece uma geração nova de técnicas ela não suprime a geração de técnicas anteriores. Recor-

dem por exemplo da cidade de hoje onde as técnicas mais antigas são contemporâneas das técnicas mais modernas, e todas trabalham juntas, porque o espaço permite esse trabalho comum.

O que é que distingue o período técnico atual do período técnico anterior? Uma primeira coisa é o que se chama de automatismo. Até o fim do anterior, as máquinas obedeciam aos homens, mas não havia uma máquina capaz de empurrar uma outra máquina para trabalhar. Havia a máquina mas não havia o autômato. A nossa geração conhece essa grande transformação técnica segundo a qual se instala o autômato, isto é, empurrando um botão eu aciono uma máquina que aciona outra máquina. A máquina no começo da história, tinha instrumentos que prolongavam o corpo. Com a idade da máquina o corpo é que, de alguma maneira, obedece à máquina porque ela tem suas regras de trabalho próprias. Essa máquina tem um conjunto de instrumentos, hoje o que nos temos é um conjunto de máquinas. Cada máquina é um conjunto de máquinas e desabaram automaticamente a partir de uma decisão

A outra grande diferença em relação ao sistema de máquinas anterior ao nosso, é que a partir de agora nós não somos mais comandados pela máquina. É isso que é fundamental na história do presente e é isso que nos assegura que vamos afinal triunfar. Quer dizer que o homem vai recuperar a sua humanidade, porque as máquinas serão obdientes. Elas não o são hoje por causa do sistema econômico, social e político. Mas elas são construídas para obedecer, tanto que o que é mais importante não é o "Hard" mas o "Soft". Enquanto o "Hard" barateia o seu custo, o "Soft" aumenta. É um trabalho amplo, é a inteligência humana que dispara retomando os seus direitos.

Uma outra características das técnicas atuais é o que o autor chamado de Jacques.....

chama de auto crescimento. Eu disse que as técnicas crescem praticamente sozinhas. Elas vão aumentando, vão crescendo num processo autônomo. Isso é discutível, mas vale a pena prestar atenção a essa idéia desse grande autor que é igualmente um grande homem de espírito, um espiritualista. Um homem que escreveu uns 50 livros: 25 sobre as técnicas e 25 sobre o espírito. Como se as duas coisa não fossem, e não são talvez compatíveis.

Uma outra características nos sistemas das técnicas atuais é o que outro autor chama de endurecimento. Eu vou insistir nesse aspecto porque um grande número de autores estão falando na flexibilidade. Realmente há uma flexibilização para os grandes autores da seita econômica. Aquelas poucas firmas em que alguém falou ontem numa pergunta. Só que as normas de trabalho são extremamente rígidas. Em geral, endurecimento porque não obtém aquela mais valia, se lembram

As técnicas atuais são o que a gente chamaria de perfectibilidade. Há uma tendência das técnicas atuais a serem perfeitas e, pasmem vocês, mas perfeitas do que a natureza. A natureza é por definição imperfeita e as técnicas na sua evolução buscam exatamente a perfeição, que de alguma forma obtiveram a partir do uso da ciência na sua produção. Essa perfectibilidade do objeto técnico é que vai assegurar uma rentabilidade mais alta ao trabalho.

E poderíamos dizer que os lugares se definem pela maior ou menor perfectibilidade dos objetos que conduziria, por conseguinte, a uma maior ou menor produtividade dos lugares. Havendo um senão, que eu vou chamar a atenção rapidamente. É que os sistemas técnicos são movidos por homens que trabalham também nestes sistemas. São os sistemas sociais que fazem funcionar os sistemas técnicos.

A coisa, o objeto, na sua rigidez, na

sua dureza, na sua imobilidade, na sua imutabilidade, com esses elementos de flexibilização do uso que é o homem. Então na consideração dos lugares a gente também encontra um tipo de homem que sabe. No sistema técnico muito evoluído, o homem, por exemplo não alfabetizado não sabe como tirar proveito do sistema. Mas também o homem alfabetizado e politizado pode recusar a obedecer completamente ao mandamento da técnica. A palavra politizado, no sentido que estou utilizando significa informado. Que quer dizer politizado? significa informado, aquele que sabe o que se está fazendo. E é por isso que no mundo em que vivemos a politização é algo de fundamental, mas também de fundamentalmente difícil. Depende da força que tivermos nas Universidades em realizar e oferecer o resultado da nossa análise.

Quando a Dor Vier, do filósofo italiano chamado tomem nota desse nome porque vale a pena ver um qualquer dos seus livros nos diz que a técnica atual materializa a metafísica. Alcançamos a materialização da metafísica, realizamos a metafísica através da técnica. Isto é tudo que o homem havia imaginado desde Descartes. Quem leu Descartes se lembra da idéia que ele exprimiu de um mundo completamente organizado como se fosse um relógio, que aceitamos cinco séculos depois.

O que é que esse conjunto de técnicas vai permitir? Ele vai permitir 4 coisas pelo menos: primeira a unidade técnica, na realidade a palavra é unicidade técnica; segunda unidade do momento-a convergência dos momentos, terceira a unidade do motor da história; quarta a cognoscibilidade do planeta.

1º - Unicidade da técnica: o mundo hoje, naquilo que tem de hegemônico, é transmitido por este conjunto de técnicas contemporâneas juntadas no computador e na teoria subjacente à produ-

ção do computador. E é por isso que podem produzir pedaços de coisas nos mais diferentes lugares do mundo. Produz uma peça na Austrália, outra peça na Índia, outra na Bolívia, reúne tudo isso na Tailândia e vende na Inglaterra, graças a essa unicidade da técnica. Pela 1ª vez na história o mundo inteiro trabalha com as mesmas famílias de técnicas. Por conseguinte nós temos essa unidade das técnicas, que faz com que, do ponto de vista nosso, da Geografia, possamos encontrar elementos de paisagens, os mesmos, nos mais diversos lugares. Não é que as paisagens sejam as mesmas, isso seria impossível, mas há elementos comuns a todos os lugares. O centro de Montreal, o centro de São Paulo, o centro de Paris, o centro de Tóquio, todos têm a mesma cara, os edifícios chamados inteligentes que são produtos das técnicas atuais e que estão em todos os lugares. No artigo que vamos publicar daqui a pouco nas atas de uma reunião organizada em São Paulo, no começo do ano, a pedido de George um jovem geógrafo trabalhando na França onde ele se refere a um lugar, o trocadilho é impossível em Português, seria o lugar do lugar nenhum. Quando a gente desembarca no aeroporto é uma arquitetura absolutamente idêntica, num hotel estilo americano, ainda mais evidenciado por aquela música pasteurizada chamada música de elevador, que também atrapalha nossos almoços e jantares. Tudo isso são pedaços de técnica contemporânea e estão presentes igualmente no mundo inteiro graças a essa unicidade da técnica, essa realização técnica semelhante no mundo inteiro que cria pedaços de paisagens similares em toda parte da terra, ainda que as significações dessas paisagens sejam diversas.

O mundo atual conhece também o segundo elemento que vem do progresso técnico o que nós chamamos de convergência do momento. Os elementos se

encontram. Desde que o mundo é mundo, o homem, no que aqui ainda não se chamava América, num dado momento do relógio, que já existia, surgia momento do relógio iguais. Mas a existência de cada um era desconhecida da existência do outro. A história da humanidade é a história da possibilidade da aproximação entre os homens até o momento atual, quando não apenas a gente tenha condições de estar próximo do outro mas em saber o que o outro faz. É um dos grandes milagres do nosso tempo, um dos enormes privilégios da nossa geração, esse de saber no momento preciso o que o outro está agindo. Quer dizer que o mundo se torna visível através das telecomunicações que permite não apenas contemplar a fotografia para conhecer mas o próprio cinema ver. Eles têm não apenas as fotografias tomadas pelo satélite, mas a possibilidade de acompanhar o acontecer. O que leva a uma certa perplexibilidade da mídia que busca mostrar o acontecer daquilo que tem de mais horrível e muito em breve, daquilo que tem de mais belo. Mas isto é um fenômeno atual. Num livro de Umberto Eco, que vocês devem ter lido, "O Nome da Rosa", tomem nota porque é um livro miraculoso. Quando as pessoas querem se mostrar cultas dizem que leram esse livro para impressionar o outro. Neste livro Umberto Eco escreve que em um dia X num ano do século XIV estavam sendo coroados dois imperadores do mundo. Dois indivíduos se fizeram coroar imperadores do mundo sem saber um que o outro também estava sendo coroado. Luiz XVI no dia da Bastilha escrevia em Versalhes que fica pertinho hoje de Paris, escrevia no seu diário a seguinte palavra muito significativa: matar. Mal poderia imaginar que ele estava tão perto da morte. A morte de Lincoln foi noticiada no New York Times, com 6 dias de diferença. Hoje a gente sabe instantaneamente, perdão, a gente poderia saber instantaneamente o

que se passa em qualquer lugar do mundo. A gente não sabe porque os fatos não nos chegam, o que nos chegam são as notícias e notícias não são fatos, são interpretação dos fatos. Mas nós poderemos um dia sabermos do fato.

Então vejam, que na realidade há uma convergência do momento. E agora o mesmo minuto do relógio permitem que as pessoas saibam o que uns e outros estão fazendo. Mas muito mais do que isso, o acontecer é solidário por culpa da unidade do motor. Unidade por conseguinte, se tornou reconhecível à distância e o acontecer dos lugares é complementar do acontecer de todos os outros lugares. Nada que acontece no lugar deixa de ter efeito no mundo. Ao sairmos desta sala, por exemplo, que é um lugar, e se vocês me escutarem com tolerância nós vamos sair outros, vocês e eu se eu explicar melhor o que estou trabalhando. O trabalho do professor é tentar explicar melhor o que está trabalhando. A gente nem sempre consegue explicar bem o que pensa. E se vocês entenderem melhor o mundo, o mundo já começa a ser outro. Porque outro dado fundamental do nosso tempo é que não é só o mundo que influi no lugar; os lugares influem sobre o mundo.

Outro aspecto extremamente importante e grave no trabalho do geógrafo é essa força que ganha o lugar a partir da unicidade técnica a partir da convergência dos momentos. É a partir do fato de que há uma unicidade técnica que você pode fazer coisas modernas nos diversos pontos do planeta. E essa convergência do momento, essa possibilidade de acompanhar minuto a minuto o desenvolver da história, o acontecer social, foi que possibilitou estabelecer multinacionais, bancos mundiais, esta unidade da mais valia que é o motor único atual. São esses elementos, me parece, que muda o mundo, mudando a Geografia do mundo.

E mais o quarto elemento que é

muito grato aos geógrafos falar dele, a cognoscibilidade do planeta. O planeta afinal se torna conhecido, ele não é. O homem dispõe hoje de elementos para conhecer todo o planeta, para acompanhar o movimento da história do planeta. Mas também, por isto mesmo, para distinguir os lugares segundo as suas virtualidades, segundo o que eles podem oferecer. E reconhecendo essas qualidades dos lugares, escolher. Isso é muito importante porque os grandes investidores antes de fazer seus investimentos buscam conhecer os lugares. Onde é que meu dinheiro vai render mais? Não importa se é na Tailândia, Argentina, China ou Japão, não importa. Onde aparecer um lugar que ofereça uma maior produtividade àquele tipo de produção de capital, aí se instala o grande capital, porque os capitais menores não têm a mesma capacidade, nem de conhecimento do mundo, nem de escolha de lugares. A gente diria até que o mundo é feito de lugares escolhidos e de lugares não escolhidos. Hoje há lugares mais desejados, lugares menos desejados e lugares indesejados. Não se trata da Geografia Freudiana. Esta cognoscibilidade do planeta é que vai fazer com que a gente possa falar na privatização dos lugares. A grande empresa sediada em Tóquio, Paris ou São Paulo descobre o lugar da sua eleição e se instala. Isso quanto às bases técnicas da globalização.

Quase se viu os fundamentos políticos da globalização. Entre esses estariam fundamentos econômicos, políticos propriamente ditos, sócio-culturais e, evidentemente, geográficos. Entre os fundamentos econômicos o mais importante é o esquema das multinacionais que operam em escala mundial. Por conseguinte são atores fundamentais da globalização e caracterizam-se por uma quantidade enorme de elementos, entre os quais, exatamente, o fato de trabalharem a escala de diversos países. Um outro aspecto das multinacionais é que elas

têm facilidade de transferir capitais de um país para outro ultrapassando por conseguinte as fronteiras, mediante mecanismos dos mais diversos que eu não vou aqui detalhar, mas que o leitor ativo da imprensa acaba descobrindo a maneira de trabalhar das multinacionais. Essas multinacionais que são dotadas naquilo que se chamou de espírito animal. As transnacionais têm espírito animal, elas buscam crescer, invadir todas as fronteiras que podem. Entre as atividades das multinacionais a atividade financeira é, pasmem, a expansão internacional dos bancos, que é outro elemento econômico da globalização. O fato é que os bancos se tornaram globais e não apenas os bancos de primeiro mundo, mas do terceiro mundo também. São numerosos capaz de regular o mercado. A produção desse mercado mundial, característica do nosso tempo, é um dos elementos que vai ter como consequência a redução do papel do Estado, já que o controle do mercado cabe em parte ao estado nacional.

E finalmente a finança global. Os empréstimos que são globais, como a dívida que se tornou global, e com o papel novo do crédito, como era na política; e há uma especulação que leva a uma certa autonomização do dinheiro. O dinheiro ganha uma certa autonomia. Esse oferece rendimentos, juros, ganhos, mesmo sem ser aplicado na produção. É o que se chama de ciranda financeira. Essa autonomização do dinheiro em relação com a produção é um elemento fundamental da explicação do nosso tempo. Essa falta de apetite para a produção é uma das causas para essa recessão mundial. Uma quantidade enorme de consequência de ordem econômica, moral, política, vai buscar suas raízes nesse conjunto de fatores, que estou tentando analisar.

Entre os fundamentos políticos nós temos em primeiro lugar o fato de que as firmas é que regulam o mercado. Uma

grande empresa como a General Motors tem um poder de regulação extraordinário na vida dos outros. As empresas assumem um papel político que vai além do local, que vai além do nacional, que chega ao internacional.

Um outro dado político que nós temos é o governo mundial com a criação de instituições supranacionais a começar pela ONU que foi presidida por Oswaldo Aranha, grande ministro do exterior brasileiro que presidiu a Primeira Reunião das Nações Unidas, e é por isso que o Presidente do Brasil tem o privilégio de abrir todos os anos a Assembleia Geral das Nações Unidas. As Nações Unidas resultam da vontade de criar um governo mundial. O governo mundial que também é representado pelo Fundo Monetário Internacional que é uma proposta daqueles entre os quais nós temos contratado durante a guerra para bancar o sistema monetário mundial.

O Banco Mundial é outro dado do governo mundial. São Instituições que decidem, lá de Washington ou de onde estejam, o que os outros devem provir, a tal ponto que, em certos países, o Ministro da Fazenda é apenas um fantoche em mãos de autoridades estrangeiras. Talvez por isso mesmo o centro do sistema transfira, vindo desses lugares, pessoas que antes eram da esquerda. Isso se deu na Argentina, México, Grécia entre outros países que eu conheço. Os senhores poderão acrescentar outros nomes de países na lista.

O outro aspecto político da globalização é o enfraquecimento do Estado Nacional. O Estado nacional se enfraquece, o mercado é mundial, as normas são impostas por cima, caem de paraquedas dentro de cada país. A moeda é interdita, direta ou indiretamente, à moeda internacional. Isso sem contar no fato de que a própria noção de fronteira fica menos nítida com as telecomunicações. Tudo isso enfraquece o

Estado Nacional reforçando a idéia da globalização. Na realidade é isso que nos diz Oliver Dollfus, um geógrafo francês que conheci em Washington. Ele disse que no mundo hoje o estudo da globalização obriga a falar em pelo menos dois fenômenos: um que chama internacionalização e o outro que se chama transnacionalização. Para ele há internacionalização quando o processo está no Estado, como no passado; mas quando o processo pula por cima do Estado e se instala nos territórios, ele chama isso de transnacionalização. Há um curto circuito do Estado nesse processo de transnacionalização, que é crescente e que é característico da fase de globalização.

Outro dado é a produção que a gente está chamando de Democracia de Mercado. As democracias atuais tendem a ser Democracia de Mercado, onde o que é apontado como importante não é o cidadão, é o consumidor. No caso do Brasil, poucos se importam com o cidadão. Mesmo os intelectuais que estão no governo falam nos contribuintes, mas não no cidadão. Esse é o discurso da Democracia de Mercado. A idéia de contribuinte está na base da produção da democracia americana, brasileira. Mas a idéia de cidadão, é uma idéia básica. O cidadão é aquele que é uma instituição tanto quanto o Estado. E é por isso que se criavam Habeas Corpus, mandado de segurança, que são propostas pela qual o cidadão se levanta contra o estado e diz: estou aqui. O usuário é aquele que está contente quando lhe dão coisas. Ele diz: preciso de uma linha de ônibus. Chega a linha de ônibus, e tudo está bem. Quero o 13º chega o 13º, e tudo está bem. Mas o homem que reflete nele o mundo todo é esse homem que a gente tem que ajudar a formar, e não aquele que se contenta com pedacinhos de coisas. Ora, nós estamos sendo empurrados para essa Democracia de Mercado. O mundo inteiro. E essa democra-

cia está numa profunda crise no mundo inteiro. É o resultado também do processo atual da globalização. E essa Democracia de Mercado é a outra cara do neo-liberalismo. O neo-liberalismo é uma exigência da nova regulação.

Trabalhando como geógrafo, eu organizo o espaço de maneira que a grande firma obtenha os melhores resultados pelo simples jogo de mercado, como foi o caso de São Paulo. O Estado de São Paulo organizou seu território de maneira que as grandes firmas, as grandes empresas modernas pudessem agir independentemente do governo. Esse espaço assim organizado, o espaço da racionalidade, é o espaço exatamente excelente para que o grande capital se desenvolva sem necessidade de nenhuma outra intervenção que não a do mercado. O Estado apenas cria a Geografia do necessário. Foi o caso do Estado de São Paulo que criou a Geografia necessária à operação das grandes firmas, e paralelamente criou aquela multidão de alienados que são o terror de São Paulo, que votou 90% para candidatos polimaniacos, no sentido da mentalidade policial: O atual Governador e aquele que não conseguiu se eleger, ficou em 2º lugar. Pois tudo isso está relacionado com o território, e é por isso que a cidade é o lugar do futuro, porque a cidade não aceita essa forma de homogeneização. E na cidade o mercado se adapta às divergências do território. As formas urbanas não são todas acessíveis ao movimento rápido. A cidade resiste à presença do capital moderno. Ao contrário do que eu escrevia há 20 anos atrás é o campo que recebe capital sem grandes problemas, enquanto a cidade resiste. Porque a cidade é um lugar que tem pobres, enquanto o campo não tem pobres e não vai tê-los. A cidade os acolhe obrigatoriamente, mesmo aquelas que estavam até recentemente infectas a esse mecanismo.

Quais são os fundamentos sócio-

culturais? 1º é o consumo. O consumo não é um dado puramente econômico, é um dado cultural político. É através do consumo que nós nos rendemos. E a difusão generalizada do consumo, em todas as suas formas, neste fim de século XX, é a globalização. O consumo é uma porta aberta a um dos processos mais perversos da globalização, como também dos novos papéis da linguagem. Não é por outra razão que disciplinas como a Retórica ou a Semiótica, cresceram de importância na turma da Academia. É que a linguagem se tornou algo de extremamente importante no fim do século, também porque disciplinava as novas formas de expressão. Outra que me referi rapidamente é a questão da imagem que é produzida para impressionar, para convencer.

Um outro elemento importante sócio-cultural, são as igrejas mundiais. No caso do Brasil a rapidíssima ascensão de um certo número de seitas chamadas modernas, financiadas a partir de centros econômicos mundiais possuidores de técnicas as mais eficazes de convencção, possuidores também dos instrumentos da mídia e que tem um papel fundamental na corrupção dos espíritos. São um dos laços fundamentais de um processo de globalização perversa porque convoca os homens a esquecer a sua matéria essencial. As Universidades mundiais também. Há Universidades especializadas no processo de corrupção do espírito. As nossas não, porque não são mundiais. A própria USP é mundial como receptora, mas não como emissora. Porque se alguns colegas paulistas aparecem ao país como colonizadores intelectuais, esses mesmos aceitam pacificamente o papel de colonizados. As grandes fundações corporativas que corrompem a pesquisa, como a fundação FORD, que é uma grande corruptora de pesquisa social, e que tem um papel mundial na produção das idéias que nós temos escondidas.

Um outro elemento que aparece nesse fim de século de maneira muito forte que caracteriza a globalização são os egoísmos e os narcisismos. As formas modernas de egoísmo que o consumo exacerba, o consumo em suas mais diversas formas.

E um outro aspecto é o declínio do homem público no fim do século. No caso do Brasil isso é muito grave, porque o Brasil não chegou a produzir nem o homem público nem o homem privado. Porque não pode haver homem público se não há homem privado e vice versa. Ora, o Brasil não conheceu o século das luzes, não chegou aqui o Iluminismo. Então a idéia de homem nunca foi realmente cultivada, no caso brasileiro, e isso que é uma desvantagem fundamental, pode ser que seja uma vantagem ocasional. As vantagens ocasionais jogam o Brasil para a modernidade e creio que lhe permitem uma saída rápida se nos deixarem sair da crise.

Eu creio que um outro elemento do nosso tempo muito grave é o que eu chamaria de desmaio dos intelectuais. Esses desmaios de intelectual, essa incapacidade de ser. As próprias Universidades dificilmente encorajam a produção intelectual. O intelectual não é aquele que pesquisa, que escreve, que publica. O intelectual é aquele que no momento dado é coerente com a sua maneira de pensar. Imagina ser honesto na busca e que comunica honestamente o que encontra. Toda e qualquer vontade de aplauso mata o intelectual. Pior, a vontade de aparecer reduz um pouco da busca e subordina essa busca a objetivos estranhos ao saber.

A mídia hoje tem um papel forte na produção das ciências sociais, que vão buscar nela os seus temas. Desgraça que certamente não é maior em nenhum país que é próximo onde as ciências sociais se tornaram extremamente subalternizadas pela mídia. A volta que

é ditada pela mídia e dada pelo mercado, porque a mídia num país como o nosso só vale em função do mercado e não dos fatos. Os debates que a gente assiste na televisão ou os próprios jornais a respeito deles mesmos são bem nossos porque é rara uma frase inteligente partida de um jornalista. São fatos como temos visto aparecer no dia seguinte nas páginas dos jornais, então nós aceitamos a nossa condição todos os dias e nos tornamos por isso capazes do processo do entendimento do mundo. E a idéia de que um deputado não deve satisfazer com o seu trabalho mas deve estar permanentemente buscando aplauso da sociedade, pode levar a Universidade a incapacidade de realizar seus fins. Porque o que encerra a sociedade são os seus setores, que podem distinguir e que por conseguinte tenham o poder de organizar as notícias com todos os seus interesses. Ora, essa idéia de é extremamente importante, essa subordinação intelectual da ciências sociais à mídia, da qual o melhor exemplo é o interesse atual dos sociólogos pelo horror. Valia a pena fazer a estatística do que vai ser apresentado na reunião que começa 6ª feira numa estância hidromineral qualquer, do Estado de Minas, para ouvir o percentual de trabalhos dedicados ao horror, e o percentual de trabalhos dedicados à beleza. Porque as nossas cidades não são apenas o teatro do horror, são também o teatro da beleza. As múltiplas formas de solidariedade que as cidades revelam só para dar exemplo de gente que vive como nós que somos da classe média, e a classe média é por definição incapaz de ver, mas a solidariedade é produzida pelos mais pobres das cidades.

Ora, o que estou colocando para vocês é a globalização tal qual ela é. Por favor tomem o retrato desse momento. Como o retrato desse momento, mas não como algo a ser fixado. A história é um

movimento, ela se faz a partir das possibilidades que existem, das maneiras como essas possibilidades são pelos homens agenciadas. No mundo atual o que nós temos é uma globalização perversa. Mas se nós deixarmos um pensamento unicamente prisioneiro do presente, e olhando um pouco mais para frente, nós vamos certamente ver tudo sair pronto para a construção de outro mundo. Eu vou citar alguns exemplos: 1º a possibilidade de realmente saber o que se passa no mundo. Ele está aí. Nós não sabemos porque somos intermediários por uma mídia perversa. Mas poderemos amanhã saber. As telecomunicações e as diferentes formas de comunicação permitem aos homens o encontro. Não nos encontramos, mas temos as condições materiais técnicas historicamente presentes de nos encontrarmos. O crescimento dos homens se dá pelo encontro. Os homens vivem se encontrando, porque o crescimento é o resultado de uma interação. E por aí a gente desfiaria um rosário de possibilidades reais presentes de por uma forma de organização perversa. Então o que temos é uma globalização perversa, não uma globalização possível. Não se vê nunca que o possível é sempre maior do que o existente. O possível realmente possível não no domínio da imagina-

ção. Nós estávamos descobrindo isso. Eu acho que esse é o grande privilégio da nossa geração, de sofrer essa globalização perversa e descobrir que eles podem produzir outra etapa. É uma produção, vou repetir, que depende muito do que nós fizemos na Universidade. Porque ao contrário do que dizem algumas pessoas que não é bom saber competente, não há nada a fazer hoje sem o saber competente. Recebe, mas não pode entender pelo número de fatores que explicam a existência hoje e pelas múltiplas formas de engano que essa existência nos impõe. O papel da Universidade se multiplica pela necessidade de explicar o mundo. E é dessa maneira que nós servimos ao povo. Não é estar suado na porta da fábrica, é estar sentado trabalhando, produzindo e esperando o dia de transmitir esse conhecimento. Nesse particular a Geografia tem um papel extraordinário porque tudo isso se desenvolve no território, se exprime totalmente no território. O sociólogo pode escolher, o antropólogo, o economista, o psicólogo, podem escolher. O geógrafo não pode, porque o território é depositário de todas as formas de existência do homem constituição do mundo como forma de descobrir o que é cada lugar, o que é cada um de nós, mas sobretudo as possibilidades enormes que cada um de nós tem;